

Discurso de posse

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA*

Minhas senhoras, meus senhores,
Estimados consócios.

*A busca de Deus é a busca da alegria.
O encontro com Deus é a própria alegria.*
(Sto. Agostinho)

Permitam-nos começar esta peça oratória com o registro de nossos agradecimentos: primeiramente, aos sócios que nos anfitriam, tanto os que sufragaram nosso nome na eleição, ocorrida em 27/11/13, como os que tomaram outra decisão; aos amigos, colegas e dirigentes institucionais que apoiaram a nossa intenção de ingresso no Instituto do Ceará; aos que aqui se fazem presentes, largando compromissos e outros afazeres, para abrilhantar a noite de hoje. E, por último, ao caríssimo sócio Osmar Maia Diógenes, por suas gentis, e, sobretudo, generosas, palavras de saudação, excedendo, naturalmente, os méritos que possamos realmente exhibir.

Das razões para o pleito

O INSTITUTO DO CEARÁ (Histórico, Geográfico e Antropológico) completará, em 4 de março de 2014, 127 anos de existência. Sua criação, em 1887, inspirada no Instituto Histórico e Geográfico

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Brasileiro, fundado em 21 de outubro de 1838, foi capitaneada pelo médico e historiador Guilherme Studart, o Barão de Studart, entusiasta dos fatos delineadores da história do Ceará, sem negligenciar aspectos relevantes da geografia e da antropologia cearenses.

Nesse período, que vai do quase final do século XIX à segunda década do século XXI, muitos foram os sócios da entidade que se dignaram contribuir para o registro dos acontecimentos ligados à vida sociocultural deste estado, marcado por fenômenos da natureza, por injunções políticas e pelo próprio desdobramento dos caracteres raciais, através da miscigenação.

Os estudos realizados pela instituição, a partir do seu nascedouro, não ficaram restritos à ocupação de um lugar nas estantes, envelhecidos pela ação do tempo. Muito pelo contrário, eles foram e vêm sendo difundidos entre órgãos interessados, consolidando o prestígio institucional, mercê da seriedade com que trata a matéria e faz o resgate da História, da Geografia e da Antropologia do Ceará.

Em sua busca contínua para confirmar o Instituto do Ceará como um celeiro de inteligências vivas e atuantes, seus associados, estribados nos dispositivos estatutários, datados de 1970, e agora secundados pelo Estatuto revisto em 2012, apresentam propostas de ingresso na entidade, de nomes capazes de dignificá-la, por sua decência e pelo cabedal de conhecimentos acumulados e validados pela contribuição oferecida à perpetuação da memória do Ceará.

Dessa forma, mantendo-se atentos às prerrogativas legais que conformaram o Estatuto da Instituição, três dos seus associados efetivos: Gisafran Nazareno Mota Jucá, José Murilo de Carvalho Martins e Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez), aos quais penhoradamente agradecemos, decidiram pela propositura que dizia respeito ao nosso ingresso nos quadros do Instituto do Ceará, na qualidade de Associado Efetivo, servindo de respaldo a nossa vasta produção bibliográfica e os nossos possíveis méritos de pesquisador, de memorialista, de observador dos fatos históricos e de escritor profundamente identificado com as raízes do Ceará, incluindo o homem e o ambiente natural em que se insere.

Para amparar as nossas pretensões de ingresso, elaboramos um memorial específico, sob a forma de um livro, oportunamente entregue a cada membro efetivo do Instituto do Ceará, quando do primeiro escrutínio, sendo sucedido por uma plaquete que sintetizava nossas princi-

pais realizações como médico, economista, professor universitário, pesquisador e escritor, e, também, arrolava distinções, honorárias e prêmios, conferidos por diversas entidades, advindos do reconhecimento de nossa atuação nos campos profissional, científico e cultural.

Há alguns anos, vimos almejando pertencer ao quadro de sócios do Instituto do Ceará, aspiração essa que ganhara vulto com o indesejado desaparecimento terreno do nosso colega médico e dileto amigo Vinicius Antonius de Holanda Barros Leal, de quem fomos aluno e por quem nutríamos laços de grande amizade, além de guardarmos uma identificação de interesses comuns, a exemplo do estudo e da pesquisa relacionados à História da Medicina e à História Eclesiástica cearenses.

Registre-se que, em maio de 2010, várias entidades médicas, a exemplo da Academia Cearense de Medicina, da Associação Médica Cearense, do Instituto do Câncer do Ceará, da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores – Regional Ceará, do Sindicato dos Médicos do Estado do Ceará e da Sociedade Médica São Lucas, respaldaram, de pronto, e por via documental, o irrestrito apoio ao nosso ingresso, preferentemente, na vaga que seria aberta com o falecimento de Vinicius Barros Leal, o que não foi, todavia, concretizado por razões alheias à nossa vontade; ofícios com o mesmo desiderato, emprestando semelhante apoio, foram igualmente encaminhados ao Instituto do Ceará pelo Conselho Regional de Economia do Ceará e pela Universidade Estadual do Ceará-UECE.

A sinopse de uma vida pautada dentro de princípios éticos, convencionalmente, tal como acima se apresentou, legitimava aquela pretensão, valendo ser dito, ainda, que os marcos pessoais, culturais e profissionais do então candidato apontavam para o possível enriquecimento do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), como um todo, e de um modo particular, para o nosso próprio crescimento pessoal, testado na relação dual que privilegia “o estudo e a difusão da História, da Geografia, da Antropologia e das ciências correlatas, especialmente no que se refere ao Ceará”.

Da imortalidade dos sócios do Instituto do Ceará

Diferentemente das academias, o Instituto do Ceará não conta com cadeiras, patronos e acadêmicos, e sim, com sócios, sequencial-

mente numerados, em obediência à cronologia disposta por data da posse. Contudo, pode-se dizer que seus sócios gozam das prerrogativas da chamada imortalidade afeita aos membros dos sodalícios, uma vez que, de modo análogo, cabe a cada ingressante efetivar os registros biográficos de seu antecessor, perpetuando-lhe o nome, nos anos sucedâneos, e, assim, conferindo-lhe a imortalidade intelectual, preservando-lhe, então, a memória e o legado cultural.

A linha do tempo, por assim dizer, deste instante solene, recua aos primórdios desta casa de cultura, quando da sua fundação, com o sócio-fundador Nº 3, Joakim de Oliveira Catunda, exarando o seu nome na ata inaugural, no longínquo dia 4 de março de 1887. Com o falecimento desse sócio-fundador, deu-se o ingresso do sócio Nº 14, Manoel Soriano Albuquerque, que foi empossado em 24/12/1912. Recebendo o Nº 19, o Instituto do Ceará acolheu, em seus quadros, Álvaro Gurgel de Alencar, cuja posse ocorreu em 20/9/1915, vindo a ser substituído pelo sócio Nº 24, Eusébio Néri Alves de Sousa, empossado em 27/9/1928. Com a vacância decorrente da morte do último mencionado, a entidade, sob o Nº 56, conferiu guarida ao renomado médico Josa Magalhães, empossado em 17/3/1948, em data muito próxima da primeira aula da Faculdade de Medicina do Ceará, por ele ministrada em maio de 1948. E, por último, mas não menos importante, este bastião da cultura cearense empossou, em 4/4/1984, o sócio de Nº 104, o notável geógrafo Caio Lóssio Botelho, a quem nos compete substituir, à conta de sua passagem para a condição de associado remido.

Por limitação do tempo reservado a esta locução, vamos nos deter a discorrer sobre as trajetórias de vida do sócio-fundador Joakim de Oliveira Catunda e do último sócio que nos antecedeu, o Prof. Caio Lóssio Botelho.

Joakim de Oliveira Catunda

Joakim de Oliveira Catunda nasceu em Santa Quitéria, em 2 de dezembro de 1834, filho de Antônio Pompeu de Sousa Catunda e Inocência Pinto de Mesquita Catunda, oriundo de antiga família potiguar. Em 1849, veio para Fortaleza, onde fez os seus estudos preparatórios no Liceu, passando a morar na casa de seu tio e padrinho, o Senador Tomaz Pompeu.

Pretendendo seguir carreira militar, ingressou na Escola Militar do Rio de Janeiro, no período de 1857 a 1860, tendo servido no 1º

Batalhão de Artilharia a Pé. Entretanto, desistiu da carreira ao final de três anos de estudos, quando, então, na função de agrimensor, seguiu para Alagoas, em comissão do Governo, para demarcação de terras devolutas do Urucu.

Aprovado em concurso público, para o cargo de escriturário, tornou-se funcionário da Alfândega do Ceará, em 1864, servindo também em Maceió, posição que renunciou ao ser nomeado professor de instrução primária no Ipu, em 1867. Em 1868, foi nomeado Oficial Maior da Secretaria do Governo.

Joakim Catunda lecionou filosofia, no Liceu do Ceará, e alemão, na extinta Escola Militar do Ceará, tendo sido Diretor da Instrução Pública do Ceará, em 1889.

Na seara política, Joakim Catunda foi Deputado Provincial nos períodos legislativos de 1866/1867 e 1878/1881. Representou o Ceará no Senado, de 1890 a 1900, tendo sido eleito senador na Constituinte, após a proclamação da República, e seu mandato renovado várias vezes, servindo como 1º. Secretário da Casa, participado assim da vida política do estado durante mais de quarenta anos.

Foi também um dos fundadores do Centro Abolicionista, causa que abraçou com entusiasmo e abnegação, do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, em 1887, e do Centro Republicano Cearense, em 1888.

Publicou as seguintes obras: Estudos de História do Ceará (1886); Origens Americanas e as Imigrações Pré-Históricas; As Evoluções do Clima; O Senador Pompeu e, *post-mortem*, Aspectos da Natureza Cearense.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 28 de julho de 1907. Em seu sepultamento, no Cemitério de São João Batista, o Instituto do Ceará foi representado pelos Drs. Belisário Távora, Justiniano de Serpa e Barão de Studart.

Como reconhecimento póstumo, Joakim de Oliveira Catunda é o patrono das cadeiras n.ºs 17, da Academia Cearense de Letras, e 46, da Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro.

Caio Lóssio Botelho

Caio Lóssio Botelho nasceu em Juazeiro do Norte-CE, a 19 de abril de 1933, filho do professor Jacinto Botelho de Sousa e Aurenívea Lóssio Botelho.

É um dos mais respeitados mestres das ciências geográficas do Ceará, autor de trabalhos importantes sobre os vários aspectos das ciências da Terra. É bacharel e licenciado em Geografia e História pela Faculdade Católica de Filosofia do Ceará. É Engenheiro Geógrafo pela Organização dos Estados Americanos (OEA) e bacharel em Administração pela Escola de Administração da UFC. Completou a sua formação, com diversos cursos de Pós-Graduação, culminando com o Doutorado em Planejamento e Geografia Integral, pela OEA, e a obtenção da livre-docência em Geografia Econômica, pelo Centro de Estudos Sociais Aplicados da UFC.

No Magistério Superior, foi aprovado, quase sempre em 1º lugar, como: professor titular de Geografia Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas e de Administração Pública, do Centro Universitário de Brasília; professor titular de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Distrito Federal; professor de Geografia Regional, do Instituto de Geociências da UFC; professor catedrático de Geografia Política, da Academia de Polícia General Facó; professor de Geografia Humana, do Instituto de Geociências, da UFC; professor de Geografia Física e Ciências Cartográficas do mesmo Instituto.

Ocupou o professor Caio Lóssio lugares destacados no panorama do ensino da Geografia, tendo sido nomeado para muitos cargos de relevo, valendo mencionar, dentre tantos: diretor do Centro de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual do Ceará UECE; chefe do Departamento de Geociências e do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia do Ceará; coordenador da Equipe de Geografia do CIEM (Centro Integrado do Ensino Médio), da Universidade de Brasília (UnB); Orientador de Geografia da UnB; chefe do Departamento de Economia, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, da UnB; professor titular do Departamento de Geociências da UECE; professor titular de Geografia Física, da UFC e professor titular de Geografia Geral, Econômica e do Brasil, do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal.

O Prof. Caio Lóssio foi, ainda, assessor do Ministério Extraordinário para Coordenação dos Organismos Regionais (Ministério do Interior); diretor do Departamento de Recursos Naturais da SUDEC; diretor de Planejamento Integrado da Coordenadoria de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza (CODEF); e membro do Conselho Deliberativo da Autarquia Metropolitana de Fortaleza.

No que concerne à sua participação em congressos, seminários, simpósios etc., foi intensa a sua atuação, como conferencista ou palestrante convidado, tendo representado, em vários encontros e simpósios, distintas entidades, como a SUDEC, a Prefeitura de Fortaleza e as universidades.

Caio Lóssio Botelho é um estudioso do fenômeno das secas no Nordeste, principalmente no Ceará, sendo um conhecedor profundo das causas e efeitos desse fenômeno climático. Quase todos os seus livros são embasados na ciência geográfica.

É bastante vasta a produção bibliográfica de Caio Lóssio Botelho, comportando citar, dentre as suas principais obras, as seguintes: *Brasil A Europa dos Trópicos* (Evolução da Infra-Estrutura Civilizatória Brasileira à Luz de Sua Filosofia Geográfica); *Geoclimorfologia no Tempo e no Espaço*; *Geografia Dinâmica do Ceará - Evolução da Infra-Estrutura Civilizatória Cearense à Luz de Sua Filosofia Geográfica*; *A Geografia e a Geopolítica na Organização do Espaço Brasileiro*; *A Geografia Econômica na Organização do Espaço Regional*; *A Geopolítica - O Brasil em face desta Ciência*; *Uma Visão Integrada da Seca*; *A Filosofia e o Processo Evolutivo da Geografia*; *Repensando o Cosmo: o homem e a geografia astronômica*; *Geografia Monística e Seca - Visão dinâmica, integrada e correlações*.

É associado a diversas instituições técnicas, científicas e culturais, como: Instituto do Ceará, *The National Geographic Society* - EUA, Associação Pan-Americana dos Diplomados em Recursos Naturais-OEA, União Brasileira de Ciências Antropológicas e Etnográficas, Academia Cearense de Ciências e Sociedade Cearense de Geografia e História.

Não menos importante, todavia, foi a sua dedicação à causa rotária, bem explicitando o seu propósito de servir e de exercer a cidadania a favor dos mais necessitados, pois foi um produtor Governador do *Rotary International*, tendo presidido o Distrito 4490, que agrega os estados do Ceará, do Piauí e do Maranhão.

É casado com a professora Maria José Rondon Régis Botelho. Tem os filhos Demartone, Dinarelli, Disraeli e Dulcinelli, que lhe deram os seguintes netos: Maria Clara, Demartone, Caio, Natália e Daniel.

Hoje, recentemente octogenário, e no outono da vida, para os padrões etários nordestinos, o Prof. Caio Lóssio Botelho tem, ao seu

lado, uma grande mulher, a Profa. Maria José Botelho, sua companheira há mais de 45 anos, que a ele devota um carinho e um cuidado todo especial, desdobrando-se para zelar por sua qualidade de vida, ao tempo em que prima para preservar o legado intelectual, construído por seu dileto consorte, ao cabo de quase seis décadas, de intenso fervor, a favor da Geografia brasileira.

Falar de Caio Lóssio Botelho é difícil, à conta de tantas fontes de informação disponíveis sobre ele, porém a tarefa pode ser facilitada, sorvendo a leitura proporcionada pelos livros: “**Caio Lóssio Botelho: do telurismo à obstinação**” e “**Nós: buscas & renovações**”, ambos de autoria de sua amada esposa Maria José Rondon Régis Botelho.

O perfil sócio-profissional do Instituto do Ceará

A presença médica no Instituto do Ceará

Desde os tempos imemoriais, os indivíduos que prestavam cuidados aos seus pares eram mais diferenciados, destacando-se dos demais que compunham seu clã ou a sua grei. Isso valia para as sociedades primitivas, para as civilizações agrícolas e comerciais, e segue valendo até nas sociedades modernas, nas quais muitos médicos se distinguem por dominarem outros saberes, além dos inerentes ao do seu exercício profissional.

Basta lembrar que Lucano, o médico de homens e de almas, na versão romanceada de Taylor Caldwell, ou Lucas, o médico e pintor, era o mais preparado, intelectualmente, dentre os quatro evangelistas, porquanto, no Evangelho por ele escrito, sobressai a erudição própria de quem bebeu nas fontes do saber, à sua época, nas academias e nas escolas médicas e filosóficas.

Ao auferir o N° 145, como desfecho da posse que ora transcorre, em 23/1/2014, o iniciante que vos fala, Marcelo Gurgel Carlos da Silva, torna-se o décimo sexto médico admitido no Instituto do Ceará, entidade que teve dois médicos entre os seus doze fundadores. É ciclópica a responsabilidade que recai sobre nossos ombros, pois aqui tiveram assentos os médicos Guilherme Studart, José Sombra, Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, José Lino da Justa, Carlos Studart Filho, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Carlos Feijó da Costa Ribeiro, Josa Magalhães, Florival Alves Seraine, João Batista Saraiva

Leão, Oswaldo Oliveira Riedel, Vinicius Antonius de Holanda Barros Leal e José Borges de Sales, todos eles considerados luminares da Medicina cearense, que, durante suas existências, aduziram valiosas contribuições à cultura e à ciência no Ceará. A nossa entrada tem uma responsabilidade engrandecedora para nós, visto encontrar, entre os sócios atuais, os médicos José Murilo de Carvalho Martins e Lúcio Gonçalves de Alcântara, reconhecidos intelectuais da melhor estirpe, o que nos leva ao claro entendimento do que se proclama de juntar-se aos bons para sermos um deles.

Saliente-se a estreita associação do Instituto do Ceará com a Academia Cearense de Medicina, porquanto dos dezesseis médicos, atrás referenciados, seis deles são patronos de cadeiras da ACM: Guilherme Studart, José Sombra, Álvaro Otacílio Nogueira Fernandes, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, Carlos Feijó da Costa Ribeiro, Josa Magalhães e João Batista Saraiva Leão; outros seis foram, ou ainda são, confrades desse silogeu médico: Oswaldo Oliveira Riedel, Vinicius Antonius de Holanda Barros Leal, José Borges de Sales, José Murilo Carvalho Martins, Lúcio Gonçalves de Alcântara e o neófito Marcelo Gurgel Carlos da Silva.

Fincaremos aqui sólidas raízes, como médico, e, sobretudo, por sermos especialista em Saúde Pública, área que guarda estreita interface com tantos setores sociais, dentre eles, os mais diretamente afeitos ao escopo do Instituto do Ceará: a história, a geografia e a antropologia, cujas temáticas costumam ser alvo da preocupação dos sanitaristas.

A presença de economistas no Instituto do Ceará

A Economia, como ciência, no cotejamento com outros campos profissionais, é de origem bem recente, tendo o seu início, há cerca de duzentos anos, com os estudos e escritos de Adam Smith, em seu clássico “A Riqueza das Nações”.

No Ceará, o primeiro curso de Economia teve origem na Faculdade de Ciências Econômicas, fundada em 10 de novembro de 1938, mercê dos esforços conduzidos pelos professores Lincoln Mourão Matos e Djacir Lima Menezes, cuja primeira turma, formada por 28 bacharéis, colou grau em janeiro de 1942.

A Economia, mas não necessariamente os economistas, há muitas décadas, marca presença no Instituto do Ceará, por meio de intelec-

tuais, oriundos de áreas correlatas, que devotaram parte de sua atenção aos estudos econômicos ou ao ensino dessa matéria, como bem ilustram as contribuições dos sócios Antônio Martins Filho, Abelardo Fernando Montenegro e Geraldo da Silva Nobre, todos eles qualificados entre os melhores quadros desta entidade. Os primeiros economistas tiveram inserção nesta agremiação cultural apenas no começo da década de 1980.

Ao adentrarmos neste Instituto, faremos companhia aos seus quatro sócios economistas: Antônio Nilson Craveiro Holanda, Eduardo de Castro Bezerra Neto, Luiz de Gonzaga Fonseca Mota e Pedro Sisnando Leite. Os dois primeiros são reconhecidos profissionalmente, de fato e de direito, pelos estudos de pós-graduação em Economia, respaldados na extensa atuação profissional legitimadora. Os dois últimos são advindos da formação específica em Ciências Econômicas, via graduação na UFC, consolidada por estudos pós-graduados em Economia.

O magistério entre os sócios do Instituto do Ceará

Desde os seus primórdios, o Instituto do Ceará conta com professores de nomeada em seu quadro societário. A princípio, nos seus cinquenta anos iniciais, hospedava aqueles que lecionavam nas escolas e colégios, públicos ou confessionais, como o Liceu do Ceará, o Colégio Cearense Sagrado Coração e a Escola Normal. Com a progressiva instalação das faculdades isoladas: Agronomia, Ciências Econômicas, Direito, Farmácia, Filosofia e outras, houve um evidente incremento da participação de docentes do ensino superior nesta entidade, fato que se consolida quando da criação da Universidade Federal do Ceará, em 1954, fruto do trabalho de prestigiados cearenses, sob a operante liderança de Antônio Martins Filho, um ex-presidente desta casa.

Mantendo a tradição do pujante concurso de sócios engajados no magistério, tanto como educadores e lentes, nos mais diversos campos profissionais, estão albergados nessa condição mais de dois terços dos seus atuais membros, considerando os que exerceram e os que seguem atuantes, o que nos leva à decisão de não declinar seus nomes, exceto os dos pertencentes à Universidade Estadual do Ceará, por razões bem especiais. A esse honrado grupo, agrega-se, neste instante, mais um docente, lastreado em mais de sete lustros de labuta no magistério, dos quais trinta e três anos dedicados ao ensino superior.

Como professor titular concursado da Uece, arcaremos com a magna responsabilidade de preencher a vaga deixada por um dos titulares mais renomados da maior universidade mantida pelo poder estadual, júbilo este que compartilhamos com os oito colegas deste sodalício que abrilhantam o corpo docente ueceano, como aposentados ou servidores ativos, a explicitar, por ordem de admissão no Instituto do Ceará: Paulo Bonavides, Zélia Sá Viana Camurça, Pedro Alberto de Oliveira Silva, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Gisafran Nazareno Mota Jucá, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos, José Filomeno Moraes Filho e Francisco Adegildo Férrer. No cenário das honorarias da Uece, três dos nossos atuais sócios desta casa foram galar-doados com o diploma de doutor *honoris causa*: Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, Melquíades Pinto Paiva e Paulo Bonavides, distinguidos com a maior das comendas do meio acadêmico.

Os pesquisadores integrantes do Instituto do Ceará

O Instituto do Ceará sempre esteve na vanguarda da produção do conhecimento, mormente em estudos que englobam a história, a geografia e antropologia cearenses. Tal primazia resulta de investigações conduzidas por sócios, não havendo quaisquer distinções quanto ao aval da pós-graduação *stricto sensu*, porquanto todos convergem e se irmanam na qualidade de estudiosos, que buscam, incessantemente, a absorção e a difusão de novos conhecimentos, bem como, nalguns casos, são eles colunas que dão sustentação à preservação da nossa cultura e dos valores cearenses, possibilitando a continuidade do saber acumulado, para usufruto das gerações sucedâneas.

É, desse modo, que, trazendo alguma bagagem de pesquisador, nos sentiremos muito bem aqui, por podermos ter essa convivência com pessoas de exuberante quilate, que tanto colaboraram para o engrandecimento da ciência e da cultura em nosso torrão.

Os literatos pertencentes ao Instituto do Ceará

O Instituto do Ceará e a Academia Cearense de Letras são duas centenárias instituições culturais, fundadas no último quartel do século XIX, no Ceará, que, a despeito de qualquer vicissitude, atravessaram incólumes o século XX, e chegaram às alvíssaras do terceiro milênio, com galhardia e solidez, granjeando o pleno reconhecimento social.

Essas entidades sempre mantiveram estreitos laços, com integração de ações, mesmo porque alguns dos que fundaram o Instituto do Ceará, em 1887, atuaram, sete anos depois, para, na Terra da Luz, dar a luz à Academia Cearense de Letras, a mais antiga arcádia literária existente no Brasil, constituída em 1894, precedendo em três anos a instalação da Casa de Machado de Assis.

A intercessão de membros, co-partícipes de ambas instituições, tem sido algo bastante comum, tanto que havia e ainda há acordos tácitos, entre elas, no intuito de evitar as coincidências das sessões agendadas, bem como programar eventos para a realização em conjunto.

Hodiernamente, entre os quarenta sócios do Instituto do Ceará e os quarenta acadêmicos da ACL, mais de um quarto pertence às duas vetustas confrarias, representados por onze figuras de elevada projeção pública. São eles, nomeadamente, os confrades: Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, Cid Sabóia de Carvalho, Ednilo Gomes de Soárez, Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes, Pe. Franciso Sadoc de Araújo, José Augusto Bezerra, José Murilo de Carvalho Martins, Juarez Fernandes Leitão, Lúcio Gonçalo de Alcântara, Mauro Benevides e Paulo Bonavides.

Ingressaremos em um recinto institucional, que dá abrigo a um naípe literato de invejável porte, e, com o suporte do rótulo de polígrafo, muito teremos a ganhar, pois, de tão saudável convivência, seremos beneficiário direto, o que redundará em aprimoramento de nosso fazer literário.

Dos laços de amizade no Instituto do Ceará

Há tempos que aspiramos à admissão no Instituto do Ceará, dado que fomos brindado pela amizade de vários sócios, ou meramente porque aprendemos a admirar outros por suas obras, e sobre eles pudemos expressar a nossa afeição, por intermédio da publicação de suas biografias ou panegíricos, em livros, jornais ou revistas, comportando citar os seguintes perfilados por nossa pena: Abelardo Fernando Montenegro, D. Antônio de Almeida Lustosa, Carlos Feijó da Costa Ribeiro, Geraldo da Silva Nobre, João Batista Saraiva Leão, José Filomeno Moraes Filho, José Murilo de Carvalho Martins, José Parsifal Barroso, Lúcio Gonçalo de Alcântara, Manuel Antônio de

Andrade Furtado, Manuel Eduardo Pinheiro Campos, Melquíades Pinto Paiva, Oswaldo de Oliveira Riedel e Vinicius Antonius de Holanda Barros Leal.

Tivemos a bendita virtude de termos sido aluno de vários sócios dessa honrosa Casa do Barão, todos professores de escol, a começar com o Prof. Manuel Lima Soares, no Curso Intensivo de Preparação ao Vestibular do Colégio Cearense Sagrado Coração, prosseguindo com os professores Murilo Martins e Vinicius Barros Leal, quando acadêmico de Medicina da UFC, na década de 1970, e terminando, com os docentes Geraldo da Silva Nobre e Pedro Sisnando Leite, quando cursamos Ciências Econômicas na UFC, nos anos oitenta do século antanho.

Como representante estudantil no Conselho do Centro de Ciências da Saúde da UFC, nos anos de 1976 e 1977, tivemos a alegria de conviver com dois expoentes da História da Medicina, os professores José Borges de Sales e Oswaldo de Oliveira Riedel, relacionamento fértil que teve sequência em encontros promovidos pela Academia Cearense de Medicina.

Dos motivos afetivos para o ingresso no Instituto do Ceará

Há bons motivos afetivos, ou até sentimentais, que nos regozijam ao entrarmos no quadro societário do Instituto do Ceará. De pronto, significa frequentar, mais amiúde, o Palacete Jeremias Arruda, um solar do início do século XX, inaugurado em 1920, para servir de residência ao Sr. Jeremias Arruda, um atuante empresário local, dedicado à exportação de produtos do Ceará, como a cera de carnaúba, para abastecer mercados externos, incluindo o estrangeiro.

Essa edificação foi vendida ao Banco Nacional Ultramarino e depois incorporada ao patrimônio da família Gentil. Em diferentes épocas, nela se instalaram, dentre outros, a Chefatura de Polícia do Estado e o Ginásio Municipal, e, desde 1966, o prédio sedia o Instituto Histórico, tendo sido reformado e ampliado em 1995.

Esse palacete, por sua localização na Rua Barão do Rio Branco, nº. 1.594, no Centro de Fortaleza, postado na lateral da Praça do Carmo, evoca-nos afetuosas lembranças pessoais e familiares, à conta da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que ocupa grande parte daquele logradouro público.

Nascemos em Fortaleza, em 13/03/1953, na casa 53, da Rua Justiniano de Serpa, no bairro Otávio Bonfim, sendo o quinto da sequência de treze filhos do casal Luiz Carlos da Silva e Elda Gurgel e Silva. A gestação seguiu sem intercorrências, apesar da ausência de pré-natal, com um transcurso de desenvolvimento intrauterino extremamente calmo, a ponto de nossa genitora desconfiar da vitalidade do rebento, que, diferentemente das gestações anteriores, poupava-a de pontapés ou de movimentos mais bruscos. Talvez, essa placidez, e não flacidez, guardasse estreita relação com a satisfação do aconchego matricial da dita mãe do corpo, e já refletisse o futuro temperamento daquele pimpolho.

Conforme o ritual daquele tempo, diante da elevada mortalidade infantil, produzida pelo “perigo infectuoso” e o “perigo alimentar”, as famílias locais costumavam batizar suas crianças logo nos primeiros dias de vida com receio de perder seus “anjinhos”, transladados para o limbo, partindo antes de se verem livres do pecado original. Observando a conduta de nossa família, aos dez dias de vida, fomos apresentado à pia batismal, para receber o sacramento que, segundo os ensinamentos católicos, expurga o cristão do pecado legado ao homem pelo primeiro casal ao comer o fruto proibido da árvore do bem e do mal, rompendo a confiança disposta pelo Criador e resultando na expulsão edênica de Adão e Eva.

Fomos tornado cristão, pela graça do sacramento do batismo, na Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, em virtude da Igreja de Nossa Senhora das Dores, mantida pela ordem dos franciscanos menores (ofm), ainda não ter sido convertida em paróquia, o que fazia dos nossos pais paroquianos do Carmo. Isso aconteceu em 22 de março de 1953, numa manhã de domingo. A Certidão de Batismo arrola que o párvulo Marcelo, nascido na Freguesia de N. S. do Carmo, a treze de março de 1953, foi solenemente batizado pelo Revmo. Pe. Moacir Fernandes.

A Certidão Batismal, cujos termos de assentamento estão no Livro Nº 29, Folha 18v, Nº 276, além da filiação do batizando, anuncia como padrinhos o Dr. Artur Eduardo Benevides e Ilnah Valente Benevides, tendo sido lavrado o termo que foi assinado pelo vigário de então, Pe. José Gaspar.

Foi nessa Igreja do Carmo que, por influência de nossa esposa, Fátima Bastos, voltamos à prática do catolicismo, da qual estivemos um pouco distanciado durante o período universitário.

Desde a nossa meninice, aprendemos a valorizar o bom uso da língua portuguesa. Fomos criado em um ambiente familiar, onde o magistério imperava, de fato e de direito. Nosso pai, Luiz Carlos da Silva, e cinco dos seus seis irmãos exerciam, com rara abnegação, o ofício de professor, em diferentes níveis (primário, ginásio e colegial) e inserção empregatícia (municipal, estadual, federal e particular), cobrindo distintas matérias (português, matemática, história, geografia etc.).

A nossa passagem na escola primária, sob os estreitos cuidados das tias paternas, foi sobremodo benfazeja, porquanto todas elas, normalistas e ex-alunas do Colégio Imaculada Conceição, exibiam uma apurada preparação no idioma pátrio, buscando, incessantemente, transmitir esses valores a seus pupilos.

No final dos anos cinqüenta do século anterior, a expansão do ensino público, como não poderia deixar de ser, levou ao fechamento muitas das pequenas escolas primárias de Fortaleza. O Instituto Padre Anchieta, de propriedade paterna, situado no bairro Otávio Bonfim, apesar da sua notória boa qualidade de ensino, não escapou de tal sina, com a fuga do seu alunado, tipicamente de baixo poder aquisitivo, que migrou para os estabelecimentos gratuitos, mantidos pelo poder público. Esse fechamento fez com que os livros de sua biblioteca infanto-juvenil fossem transferidos para a nossa casa, propiciando-nos uma farta e diversificada leitura.

A preocupação primeira de nosso pai era a de prover a subsistência e a educação formal dos filhos, os quais cumpriram a maior parte da vida escolar em escolas públicas ou comunitárias, posto que o orçamento familiar não suportaria manter tantos dependentes estudando em escola privada.

Nosso pai, Luiz Carlos da Silva, mercê da sua conhecida competência, trabalhou com afinco no magistério, por mais de vinte anos, demonstrando polivalência, ao lecionar português, matemática, história, geografia, técnicas comerciais etc., e qualquer outra disciplina que a instituição necessitasse, evidenciando a esmerada educação marista que recebera.

Nosso progenitor, à expensa de uma prodigiosa memória e de uma inteligência fulgurante, era detentor de vastos conhecimentos gerais, e da História em especial, tanto a Brasileira como a Universal, o que culminou em proporcionar aos seus herdeiros um patrimônio intan-

gível, representado pelo saber e pela vontade de aprender, que não se sujeitam à volatilidade do cotidiano, em que os bens materiais sofrem os efeitos da roda da fortuna. Por seu apego à História, a nossa biblioteca familiar continha coleções de inestimável valor cultural, como: o Tesouro da Juventude; a História Universal, de Césare Cantú; a História dos Hebreus, de Flávio Josefo; e a História das Américas. Essas primorosas coleções fizeram parte de nossa formação, nos convertendo em apreciador da História, a luz dos tempos, segundo Heródoto, a quem prestamos reverência, até trazendo, na lembrança, um apelido que nos foi impingido de “Heródoto do Liceu”, quando tínhamos doze anos de idade, nos velhos tempos de ginásiano.

Pode-se dizer que a conjunção da boa educação doméstica e do esforço pessoal de cada filho, sob a tutela de um ambiente familiar fecundo, produziu bons resultados. Os descendentes diretos do casal Luiz Carlos da Silva e Elda Gurgel são cidadãos antenados com as questões da Cultura, brasileira e universal, e receptivos aos valores culturais, elementos importantes para o progresso da Humanidade.

Alfim, rememorando o Eclesiástico, apreciaríamos dedicar esta conquista ao nosso genitor, o professor e advogado Luiz Carlos da Silva, pois *Sua descendência permanecerá para sempre e sua glória não se apagará jamais*. (Eclo. 44: 13). Diríamos que, se vivo fosse, estaria ele esbanjando alegria, ao ver que um dos seus descendentes, ingressou na Casa do Barão, instituição que bem merecia tê-lo tido como sócio.

(Discurso pronunciado no Instituto do Ceará,
em 23 de janeiro de 2014).